

MOISÉS COMO EGÍPCIO: UMA DEFESA DA TEORIA DE FREUD À LUZ DA HISTÓRIA E DA PSICANÁLISE

MOSES AS AN EGYPTIAN: A DEFENSE OF FREUD'S THEORY IN LIGHT OF HISTORY AND PSYCHOANALYSIS

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.039-006>

Antonio Rosiel Martins Melo

Mestrado acadêmico em Ciências da Educação - Must University

E-mail: rosiel1980@hotmail.com

RESUMO

A proposta de Sigmund Freud em *Moisés e o Monoteísmo* (1939) de que Moisés teria sido um egípcio, influenciado pelo culto monoteísta de Áton sob o faraó Akhenaton, desafia as leituras tradicionais da religião judaica e levanta questões profundas sobre memória coletiva, repressão e identidade religiosa. Este artigo defende a hipótese freudiana com base em argumentos históricos, psicanalíticos e culturais, apoiando-se também nos estudos de Friedrich Wilhelm Sellin, James Henry Breasted e Adolf Erman. Embora controversa, a teoria de Freud propõe um modelo interpretativo válido sobre as origens do monoteísmo e da religião mosaica, considerando a complexa interação entre Egito e povo hebreu durante o segundo milênio a.C.

Palavras-chave: Moisés; Freud; Egito; Áton; Monoteísmo; Akhenaton; Psicanálise.

ABSTRACT

Sigmund Freud's proposal in *Moses and Monotheism* (1939) that Moses was an Egyptian, influenced by the monotheistic cult of Aten under Pharaoh Akhenaten, challenges traditional interpretations of Jewish religion and raises profound questions about collective memory, repression, and religious identity. This article defends the Freudian hypothesis based on historical, psychoanalytic, and cultural arguments, also drawing on the studies of Friedrich Wilhelm Sellin, James Henry Breasted, and Adolf Erman. Although controversial, Freud's theory proposes a valid interpretative model for the origins of monotheism and the Mosaic religion, considering the complex interaction between Egypt and the Hebrew people during the second millennium BC.

Keywords: Moses; Freud; Egypt; Aten; Monotheism; Akhenaten; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

A figura de Moisés está envolta em camadas de tradição, fé e mitologia. Ao propor que Moisés era egípcio, Freud rompe com os pressupostos religiosos e propõe uma leitura inovadora das origens do monoteísmo judaico. Para Freud (1939), a psicanálise pode lançar luz sobre a história das religiões, ao considerar o papel do inconsciente coletivo, da repressão e da memória reprimida. O autor interpreta a religião judaica como resultado de uma cisão simbólica e traumática: o assassinato de Moisés e a posterior idealização da figura paterna e legisladora.

Neste artigo, defendo que, embora não se baseie em provas arqueológicas conclusivas, a teoria de Freud encontra respaldo plausível nos estudos egiptológicos de seu tempo e oferece uma contribuição interpretativa legítima para o campo da história das religiões

2 FREUD E A HIPÓTESE DO MOISÉS EGÍPCIO

Freud argumenta que Moisés não era hebreu, mas um nobre egípcio — provavelmente um sacerdote ligado ao culto de Áton, promovido por Akhenaton (c. 1353–1336 a.C.). Este culto é amplamente reconhecido pelos egiptólogos como a primeira tentativa conhecida de monoteísmo estatal. Akhenaton rompeu com a tradição politeísta e promoveu Áton, o disco solar, como única divindade digna de culto.

A hipótese freudiana sugere que, após a queda da dinastia de Akhenaton e a restauração do politeísmo, um seguidor desse culto monoteísta — Moisés — conduziu um grupo semita marginalizado, os hebreus, fora do Egito, instaurando entre eles a nova religião monoteísta. Essa transposição cultural e religiosa teria sido possível devido à posição privilegiada de Moisés na sociedade egípcia e à sua liderança intelectual e espiritual.

Freud (1939) interpreta os episódios míticos do Êxodo como representações simbólicas de um trauma coletivo: Moisés teria sido assassinado pelos hebreus em rebelião contra suas leis severas, mas sua figura foi posteriormente resgatada e divinizada, resultando no surgimento da fé monoteísta centrada em Javé.

Em consonância, James Henry Breasted, citado por Freud, foi um dos primeiros egiptólogos ocidentais a estudar profundamente os textos de Amarna, capital fundada por Akhenaton. Breasted (1912) destacou o caráter revolucionário da religião de Áton, centrada na luz solar e em um único princípio divino criador e benevolente. Essa religião rejeitava as imagens antropomórficas dos deuses e os cultos populares, sendo fortemente centralizada e ética, o que lembra certos elementos do judaísmo posterior.

Embora o culto de Áton tenha sido apagado quase completamente após a morte de Akhenaton, é plausível que suas ideias tenham sobrevivido em círculos intelectuais restritos. Adolf Erman, outro egiptólogo influente, reconhecia que a religião egípcia, mesmo politeísta, possuía elementos teológicos que se aproximavam do monoteísmo filosófico, como a ideia de um princípio criador universal.

A teoria de Freud se torna ainda mais plausível ao considerar que o Egito do Novo Império tinha contato direto com populações semitas — incluindo os proto-israelitas — que viviam na periferia ou dentro do território egípcio como escravizados, trabalhadores ou mercenários. O intercâmbio cultural era inevitável.

2.1 A MORTE DE MOISÉS COMO MEMÓRIA REPRIMIDA: SELLIN E A PSICANÁLISE DA HISTÓRIA

A tese de que Moisés foi assassinado por seus seguidores não é exclusiva de Freud. Friedrich Wilhelm Sellin, teólogo protestante e arqueólogo, sugeriu essa hipótese com base em leituras críticas do Antigo Testamento, sobretudo de passagens enigmáticas que indicam desaparecimentos ou substituições de liderança.

Freud vai além: interpreta esse assassinato como um trauma reprimido. A psicanálise entende que eventos traumáticos, quando não elaborados conscientemente, retornam em formas distorcidas — o que Freud identifica como “retorno do recalcado”. A religião mosaica, nesse sentido, seria a sublimação do sentimento de culpa coletiva pelo crime original contra o pai-fundador.

Assim como o complexo de Édipo estrutura a psique individual, o “assassinato de Moisés” estruturaria simbolicamente a identidade coletiva do povo judeu. Essa leitura é, evidentemente, simbólica e não pretende substituir a história factual, mas sim ampliá-la com as ferramentas da psicanálise.

2.2 O VALOR INTERPRETATIVO DA TEORIA FREUDIANA

Embora a teoria de Freud não seja confirmada por fontes arqueológicas diretas, ela tem grande valor como modelo interpretativo da formação religiosa e da identidade cultural. As religiões são construções simbólicas e sociais, muitas vezes baseadas em camadas de mitos, memórias coletivas e repressões.

A ideia de que Moisés seria um egípcio é simbólica, mas também historiograficamente defensável, considerando:

1. A semelhança entre o monoteísmo de Áton e elementos do judaísmo;
2. A presença de populações semitas no Egito durante o Novo Império;
3. A ausência de evidências arqueológicas que confirmem a historicidade bíblica tradicional;
4. A tendência das tradições religiosas em reelaborar eventos traumáticos em narrativas redentoras.

A proposta de Freud abre espaço para o diálogo interdisciplinar entre história, psicanálise, antropologia e religião, desafiando dogmas e expandindo as possibilidades de interpretação do passado humano.

3 CONCLUSÃO

A teoria de Freud sobre Moisés como egípcio não deve ser descartada por sua ousadia, mas considerada por sua capacidade de integrar diferentes saberes — história, teologia, egiptologia e psicanálise — em uma proposta coerente de interpretação cultural. Mesmo diante da ausência de provas diretas, a hipótese é plausível dentro de um modelo simbólico e hermenêutico da história das religiões.

Freud convida a pensar a religião não apenas como revelação ou tradição, mas como um processo psíquico coletivo, nascido do trauma, da memória e da necessidade humana de sentido. Moisés, nesse contexto, não é apenas o legislador do povo judeu, mas o mediador entre duas culturas — Egito e Israel — e o símbolo da transição de um mundo antigo para uma nova concepção espiritual.

REFERÊNCIAS

- BREASTED, James Henry. *Development of Religion and Thought in Ancient Egypt*. New York: Charles Scribner's Sons, 1912.
- ERMMAN, Adolf. *A religião do Egito Antigo*. São Paulo: Edipro, 2008.
- FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo*. Tradução de Anna Maria Amden. São Paulo: Imago, 1996.
- SELLIN, Friedrich Wilhelm. *Das Zwölfprophetenbuch*. Leipzig: Deichertsche Verlagsbuchhandlung, 1926.
- ASSMANN, Jan. *Moisés, o Egípcio: um ensaio sobre a memória cultural*. São Paulo: Unesp, 2007.